

FESTA E DROGA: CIRCUNSTÂNCIAS DOS CONSUMOS DE SUBSTÂNCIAS PSICOACTIVAS ILÍCITAS NA POPULAÇÃO PORTUGUESA

Casimiro Balsa

Introdução

Parece à primeira vista contraditório estabelecer uma conjunção entre a festa e a droga que o discurso cultural tradicional avaliam de forma bem diferente, pelo menos se associarmos as drogas às substâncias consideradas mais perigosas, potencialmente e, por isso, classificadas como sendo ilícitas. A associação já pareceria perfeitamente aceitável se por “drogas” nos referíssemos ao tabaco mas, sobretudo ao álcool. Festa, digna desse nome, como qualquer celebração, inclui sempre um momento para o brinde, que não se faz sem “um copo”, desde o copo de “vinho doce”, guardado no armário das nossas infâncias, na expectativa de qualquer bom acontecimento – que muitas vezes tardava – até ao copo de cidra – “sem álcool” – com o qual se socializam os nossos filhos à estética da festa, passando pelo “copo” que é, ele mesmo, o pretexto para a “festa”. Drogas ilícitas, no entanto, estão mais conotadas com o risco, com a desgraça-que-se-espera-nunca-bata-à-nossa-porta, com a miséria...

No plano do discurso institucional, a droga aparece também conotada negativamente, primeiro, através da figura da delinquência, presente já na ilegalidade do acto que o consumo representa e, em seguida, considerando as circunstâncias que acompanham a aquisição da substância, depois através da figura da doença, que acabou por se impor ultimamente.

As representações parecem ser muito diferentes nos grupos do mais jovens que, não recusando a tradição do “copo”, dilataram o sentido que lhe estava associado a outras substâncias, consideradas mais adequadas ao tipo de festas que eles praticam. Aliás, a tecnologia do divertimento leva a que se procurem as substâncias (e as combinações) mais adequadas para os efeitos que se pretendem obter (Sophie Le Garrec, 2002).

Antes de se transformar em sofrimento, quando isso ocorre, o consumo de substâncias psicoactivas ilícitas aparece, indubitavelmente, associado a situações festivas. Na nomenclatura das drogas, existe, aliás, a categoria de “drogas recreativas” na qual muitas substâncias podem entrar, sendo muito os efeitos que se podem procurar (euforizantes, relaxantes, alucinógenos...).

Para além desta perspectiva, mais interaccionista, da relação dos consumidores às substâncias, podemos ainda, adoptando uma leitura mais centrada sobre a compreensão da dinâmica do sistema social no seu conjunto, questionar a importância e o sentido da festa e das suas modalidades de realização na produção dos laços sociais na sociedade pós-moderna, que alguns preferem designar de modernidade avançada, mas que se traduziria, pelo essencial, por um afrouxamento das malhas da identidade e dos sistemas de controle que elas supõem e portanto uma maior responsabilização do indivíduo na gestão das marcas de pertença e das modalidades de integração e portanto dos tipos de solidariedade que, eles mesmos, podem ser ponderados.

Na análise de M. Maffesoli (1982, 1988) esta transição compreende-se em torno da passagem do social para a socialidade; da Razão, da Ordem do Progresso... apoiados pelo Estado moderno, para o (retorno do) sentimento de comunidade, da vontade de ser/estar juntos... A transição duma sociedade colocada sob a égide de Prometeu para uma outra que obedeceria, de preferência, a Dioniso. A ordem contra o caos, a noite¹, o excesso, a despesa, a orgia... A socialidade é uma forma que permite ligar entre si, os indivíduos que o “social” separou, atomizou... A festa é uma das formas de comunhão (que não excluem, de forma real ou encenada, o egoísmo, a violência...) que permitem a emergência de uma nova axiomática social e, ao mesmo tempo, ela permite que a antiga ordem se regenere. Deste modo, estas manifestações, sob a forma, por exemplo das “festas tecno”, permitem compreender a dinâmica das sociedades (Stéphane Hampartzoumian, 2004).

¹ A noite que aparece, na representação dos jovens, associada à festa, ao excesso, à embriaguez, à encenação de si (Sophie Le Garrec, 2002:173).

Neste artigo limitamo-nos a uma orientação de análise mais próxima dos actores, procurando analisar em que circunstâncias (ocasiões, lugares, motivações) são utilizadas as drogas, de forma a perceber a relação dos consumos com as situações festivas ou de lazer. Na medida em que o as circunstâncias do consumo do álcool são mais conhecidas, privilegiamos na nossa análise as substâncias ilícitas (cannabis, ecstasy, cocaína, heroína, LSD e anfetaminas), fixando nalguns momentos a nossa atenção sobre a cannabis, que representa o essencial dos consumos e ao nível da qual algumas tendências podem ser mais facilmente explicitadas. Antes, porém, faremos uma breve apresentação da orientação geral das prevalências dos consumos.

As informações que apresentamos provém do Primeiro Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Portuguesa², realizado em 2001 junto de uma amostra de 15.000 indivíduos representando a “população geral” com idades compreendidas entre 15 e 64 anos³. A amostra é representativa ao nível nacional e das regiões (NUT II).

Prevalências e padrões de consumo

Quando consideramos as declarações de consumo, ao longo da vida, de qualquer substância psicoactiva ilícita, na população geral portuguesa (15-64 anos), verificamos uma taxa de prevalência de 7,8%. A substância ilícita mais consumida é, de longe, a cannabis que apresenta uma taxa de prevalência ao longo da vida de 7,6%. No último ano a prevalência é de 3,3% e no último mês de 2,4%.

Se nos limitarmos à população que declara ter consumido exclusivamente cannabis, a taxa de prevalência ao longo da vida é de 6,2%, que correspondem a 79,2% dos indivíduos que declararam ter consumido alguma vez na vida uma substância ilícita. Nestes casos a prevalência nos últimos doze meses e no último ano descem para 2,4% e 1,6% respectivamente (Tabela 1).

² Os primeiros resultados da investigação foram apresentados em Casimiro Balsa, Tiago Fariña, Cláudia Urbano e André Francisco, Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Portuguesa – 2001, Col. Estudos-Universidades, IDT, 2003, Lisboa, 360 páginas

³ O desenho amostral adoptado caracteriza-se por prever um sistema de tiragem polietápico, estratificado por conglomerados, com selecção das unidades primárias (concelhos) e das unidades secundárias (secções estatísticas) de forma aleatória proporcional. A selecção das unidades de observação finais – os indivíduos – realizou-se por sorteio sistemático na eleição dos lares e com recurso a tabelas de números aleatórios, para seleccionar os indivíduos dentro do lar.

Tabela 1 – Inquérito ao Consumo de Substâncias Psicoactivas – CEOS/IDT 2001:
Consumo de Substâncias Psicoactivas Ilícitas (quadro-síntese)

	Cannabis		Cannabis (exclusivo)		Ecstasy		Anfetaminas		Cocaína		Heroína		LSD	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Ao longo da vida	1081	7,6	873	6,2	99	0,7	68	0,5	126	0,9	104	0,7	54	0,4
Nos últimos 12 meses	467	3,3	346	2,4	53	0,4	9	0,1	43	0,3	27	0,2	15	0,1
Nos últimos 30 dias	335	2,4	227	1,6	27	0,2	7	0,1	19	0,1	12	0,1	4	0,0

As prevalências de consumo são, de um modo muito claro e ao nível de todas as substâncias, mais elevadas no género masculino. No caso da cannabis, a prevalência ao longo da vida é de 11.5% nos homens e de 3.9% nas mulheres. Para o total da população (15-64 anos), registamos 34 mulheres para 100 homens. Dentro das substâncias ilícitas este valor só é mais elevado no caso das anfetaminas 43 em 100). Esta relação é de 27/100 no caso do ecstasy, 20/100 no referente à cocaína, 17/100 relativamente à heroína e 14/100 no que respeita ao LSD.

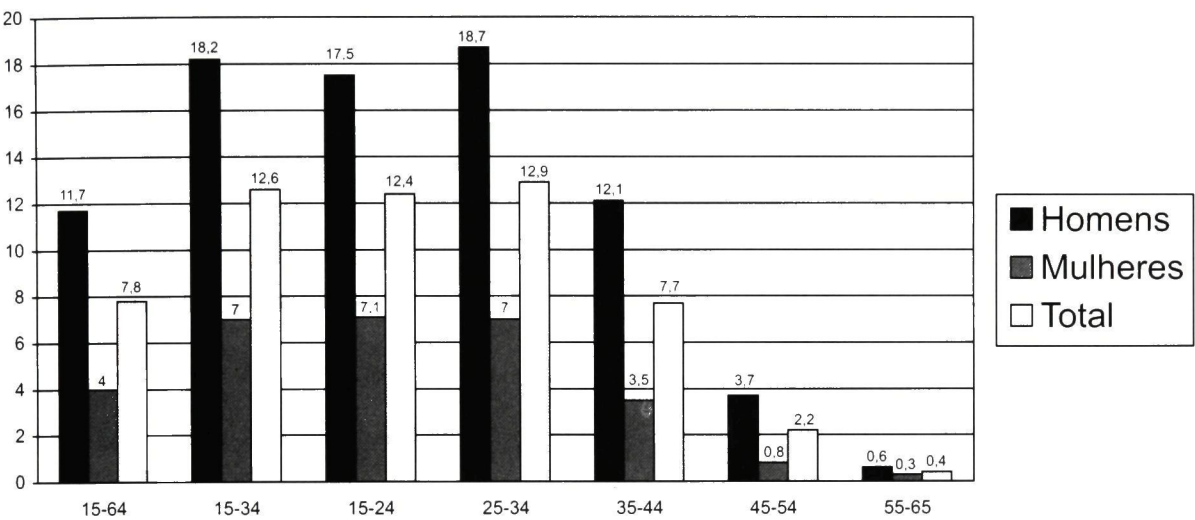
O rácio mulheres/homens é mais elevado nas categorias etárias mais jovens: no caso do cannabis, contamos, 39 mulheres para 100 homens no grupo 15-24, 37,5 no grupo 25-34, 28 no grupo 35-44 e 16 no grupo 45-54 anos (Gráfico 1).

Qualquer que seja a categoria etária considerada, a proporção de mulheres diminui quando consideramos os consumos mais recentes: há 34 mulheres em 100 homens nos consumos de cannabis ao longo da vida, 24 quando consideramos os consumos no último ano e 17 nos consumos no decorrer do último mês.

A prevalência dos consumos varia significativamente consoante o grupo etário que consideramos. A prevalência do consumo de cannabis ao longo da vida é mais elevada nos grupos 15-24 (12,2%) e 25-34 anos (12,7%). A partir dos 35 anos, a taxa de prevalência reduz-se significativamente, sendo de 7,6% no grupo 35-44 anos, de 2,1% no grupo dos 45-54 e apenas de 0,4% no grupo dos 55-64 anos.

A taxa de prevalência atinge, assim, o valor mais elevado na categoria dos homens mais jovens (15-24 anos): 18%.

Gráfico 1 – Inquérito ao Consumo de Substâncias Psicoactivas – CEOS/IDT 2001:
Prevalência do Consumo de Qualquer Substância ao Longo da Vida
por Sexo e Grupo de Idades (%)



A idade media do início dos consumos varia entre os 18 anos, no caso da cannabis e os 21 anos, no caso do LSD (Tabela 2). Em média os períodos de consumo são curtos, sendo que numa grande maioria dos casos trata-se de consumos experimentais.

Tabela 2 – Inquérito ao Consumo de Substâncias Psicoactivas – CEOS/IDT 2001:
Indicadores Estatísticos das Idades de Início e Fim de Consumo

	Cannabis		Cannabis (exclusivo)		Cocaína		Heroína		Ecstasy		Anfetaminas		LSD	
	Início	Fim	Início	Fim	Início	Fim	Início	Fim	Início	Fim	Início	Fim	Início	Fim
Idade média do consumo	18	23	18	22	20	25	20	27	20	23	19	23	21	22
Idade mínima	6	6	6	6	14	16	14	16	6	14	13	14	15	16
Idade máxima	43	49	43	49	30	44	32	41	40	44	35	46	33	30
Desvio-padrão	3,8	6,4	3,8	6,0	3,6	5,8	3,6	6,3	5,5	6,2	4,8	7,0	3,9	3,9
Moda	16	20	16	18	20	20	18	20	18	17	20	20	20	21

Quando consideramos a população que declarou alguma experiência de consumo e considerando, simultaneamente, os indicadores de prevalência e a experiência anterior de consumo, distinguimos quatro tipos de situações:

- Tipo I: Consumo não-recente – consumiram alguma vez na vida mas não no decorrer do último ano
- Tipo II: Novos experimentadores – consumiram pela primeira vez no último ano mas não no último mês
- Tipo III: Consumidores recorrentes – consumiram no último ano sem que fosse a primeira vez mas não consumiram no último mês e
- Tipo IV: Consumidores correntes – consumiram no último ano e mês.

Aplicada ao consumo de cannabis, esta classificação permite-nos constatar que, no caso da cannabis, uma grande maioria – 57,3% são consumidores desistentes, tratando-se, geralmente, de consumos experimentais. Esta proporção é de 47,2% no caso do ecstasy, 68,7% no caso da cocaína, 73,3% no caso do LSD, 74,6% no caso da heroína e 86,2 no caso da anfetaminas. Quer isso dizer que as taxas de continuidade⁴ são mais elevadas no caso do ecstasy e a seguí da cannabis e as menos elevadas encontram-se nos consumidores de do LSD e de anfetaminas.

Os consumidores “recorrentes” (8,7%), distinguem-se dos primeiros por ter consumido alguma vez na vida e terem repetido o consumo no decorrer do último ano. Os “novos experimentadores” representam apenas 2%, fixando-se os “consumidores correntes” nos 32%. (Tabela 3)

Tabela 3 – Inquérito ao Consumo de Substâncias Psicoactivas – CEOS/IDT 2001:
Tipologia das Sequências do Consumo de Cannabis

		N	%
Tipo I	Consumos não-recentes	600	57,3
Tipo II	Novos experimentadores	21	2,0
Tipo III	Consumidores recorrentes	91	8,7
Tipo IV	Consumidores correntes	335	32,0
Total		1048	100,0

No que respeita aos consumidores de cannabis, constatamos que os homens se impõem nos consumos correntes. Os jovens adultos (15-34 anos) aparecem melhor representados nos consumos realizados no último ano (situações de tipo II III e IV). Os consumos “não-recentes” (alguma vez na vida mas não no último ano), começam a aparecer sobre-representados já a

⁴ Proporção entre o número de pessoas que consumiu alguma vez na vida e que declararam um consumo no decorrer do último ano

partir do grupo 25-34 anos, adequando-se a 78% da população entre 35 e 64 anos. A situação dos “novos experimentadores” é exclusiva do grupo etário 15-34 anos.

Circunstâncias dos consumos

Para caracterizar as circunstâncias nas quais as substâncias são consumidas, consideramos o acesso às substâncias e as razões, as ocasiões e os locais dos consumos.

Modo de obtenção da substância

Considerando os modos através dos quais as substâncias são obtidas, não se confirma a ideia segundo a qual haveria uma grande distância social entre as pessoas que consomem e as que fornecem a substância. De facto, considerando o modo da primeira obtenção, vemos (Tabela 4) que os fornecedores são, na quase totalidade dos casos, amigos, familiares ou pessoas próximas afectiva ou espacialmente da pessoa que declara ter consumido. Quando consideramos o último consumo, os fornecedores mais distantes (vendedor ou desconhecido) assume mais algum relevo, particularmente nos casos da heroína e da cocaína, situações em que eles representam, respectivamente, 16 e 10%.

Tabela 4 – Inquérito ao Consumo de Substâncias Psicoactivas – CEOS/IDT 2001:
Fontes da Primeira Obtenção de Substâncias Psicoactivas Ilícitas

	Cannabis		Ecstasy		Anfetaminas		Cocaína		Heroína		LSD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Conhecidos	197	18,2	11	11,3	9	12,7	20	15,9	23	22,5	8	14,3	268	17,5
Parceiro (a)	23	2,1	1	1,2	1	1,8	7	5,2	7	7,0			39	2,6
Familiares Directos	6	0,6	0	0,3			1	1,1	3	2,9			11	0,7
Outros Familiares	13	1,2	1	1,4					1	0,7			16	1,0
Colegas de Escola	82	7,6	0	0,3	2	2,8	3	2,3	1	1,2			88	5,8
Colegas de Trabalho	29	2,7							1	1,2			30	2,0
Vizinhos	7	0,6											7	0,4
Vendedor	3	0,3	2	1,7			4	3,0			1	1,2	9	0,6
Um Desconhecido	7	0,7	4	3,6	3	3,7	2	1,6	3	2,7			18	1,2
Outra Pessoa	21	1,9			2	3,6	1	1,1					24	1,6
NS / NR	34	3,2	1	1,0	3	5,0	7	5,3	5	4,6	8	14,3	58	3,8
Total	1081	100,0	99	100,0	68	100,0	126	100,0	104	100,0	54	100,0	1532	100,0

Sendo assim, compreende-se que o acesso à substância não seja, regra geral, particularmente difícil. As substâncias mais difíceis de encontrar são o LSD (54,6% de acessos difíceis ou muito difíceis), as anfetaminas (31,5%) e a cocaína (23,4%).

Tabela 5 – Inquérito ao Consumo de Substâncias Psicoactivas – CEOS/IDT 2001: Dificuldade/Facilidade de Acesso a Substâncias Psicoactivas

	Cannabis		Ecstasy		Anfetaminas		Cocaína		Heroína		LSD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Muito difícil	47	4,3	8	8,1	13	19,5	15	12,1	5	4,8	11	21,0	99	6,5
Difícil	65	6,0	10	10,2	8	12,0	14	11,3	11	10,8	18	33,6	127	8,3
Fácil	304	28,1	46	46,0	26	38,2	35	27,9	40	38,8	11	21,2	462	30,2
Muito fácil	442	40,9	23	22,8	8	12,4	39	30,6	38	36,5	3	5,5	552	36,1
NS / NR	224	20,7	13	12,9	12	17,9	23	18,1	9	9,0	10	18,7	291	19,0
Total	1081	100,0	99	100,0	68	100,0	126	100,0	104	100,0	54	100,0	1532	100,0

Razões para consumir

Relativamente às razões apontadas para o consumo, observa-se que 36% dos indivíduo invoca o efeito obtido («sentir-se *high*»), seguindo-se a curiosidade de experimentar (35%), a necessidade de relaxar (28%), a influência do grupo de amigos (24%) e a necessidade de se tornar sociável (22%).

Se agruparmos as razões invocadas (os indivíduos podiam assinalar várias) por grupos de finalidades, vemos que dois terços, aproximadamente das razões têm a ver com a melhoria das performances (se sentir *high*, atingir dimensões espirituais, conseguir energia física para actividades de lazer...) com vista a situações festivas ou a actividades de lazer. A melhoria das performances está ainda em causa, num pequeno número de casos, para objectivos mais prosaicos (energia para trabalhar ou para raciocinar). Cerca de 50% dos motivos têm a ver com preocupações em torno da sociabilidade (ser sociável ou acompanhar os amigos). Em 28% das razões avançadas estava em causa a atenuação de problemas ou tensões. Finalmente, 35,3% dos indivíduos invocam o desejo de experimentar (Tabela 6).

Tabela 6 – Inquérito ao Consumo de Substâncias Psicoactivas – CEOS/IDT 2001:
Razões de Consumo de Substâncias Psicoactivas Ilícitas (respostas múltiplas)

	Cannabis		Ecstasy		Anfetaminas		Cocaína		Heroína		LSD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Melhorar contactos físicos ou sexuais	38	3,5	2	2,5	7	10,2	14	11,1	5	4,7	5	9,1	71	4,7
Melhorar o raciocínio	23	2,2	1	1,3	10	14,2	18	14,1	5	5,3	4	6,8	61	4,0
Energia física para trabalhar	12	1,1	3	3,5	10	14,2	4	3,6	11	10,6	2	3,8	42	2,8
Atingir dimensões espirituais	98	9,1	16	16,4	10	14,1	27	21,9	16	16,3	26	50,0	193	12,7
Sentir <i>high</i> , com moca, com ganza	375	34,9	32	31,9	26	38,6	51	40,9	49	48,8	16	31,3	549	36,1
Para ser sociável	246	22,8	21	21,7	15	22,3	32	25,5	19	19,5	2	3,9	336	22,1
Energia física para actividades de lazer	53	5,0	52	53,0	30	43,7	21	16,8	8	8,0	3	4,8	167	11,0
Reduzir inibições ou timidez	66	6,1	5	5,3	6	8,2	14	11,2	4	4,2	5	9,0	99	6,5
Esquecer problemas	113	10,5	8	7,9	1	1,0	10	8,3	26	26,4	3	6,3	161	10,6
Ajudar a relaxar	335	31,1	15	15,6	10	14,0	23	18,6	25	25,5	9	16,4	417	27,5
Experimentar, por curiosidade	420	39,1	23	22,9	12	17,6	33	26,8	26	26,4	22	42,2	537	35,3
No meu grupo de amigos consomem	278	25,9	20	20,0	8	11,6	26	21,0	21	21,1	6	12,1	359	23,7
Outra razão	72	6,7	5	4,8	2	2,2	9	7,1	8	8,1	4	6,9	99	6,5

Quando analisamos as respostas obtidas segundo cada substância específica, observamos que, no caso da cannabis, as razões mais frequentes consistem na curiosidade de experimentar (39% de respostas afirmativas), na necessidade de sentir o efeito da substância/sentir-se *high* (35%) e no relaxamento obtido (31%). No ecstasy e nas anfetaminas, as percentagens mais significativas tendem a concentrar-se na energia física proporcionada para actividades de lazer (53% e 44% respectivamente), seguindo-se a necessidade de se sentir *high* (32% e 39%). No caso da cocaína, os consumidores fazem-no, essencialmente, pelo efeito obtido (41%), por curiosidade em experimentar (27%), para ser sociável (26%) e para atingir dimensões espirituais (22%). Os consumidores de heroína indicam, como razões, a necessidade de se sentir *high* (49%), a curiosidade em experimentar, a necessidade de esquecer problemas e de ajudar a relaxar (com 26% de respostas afirmativas cada). No caso específico do LSD, a razão mais frequente consiste na vontade de atingir dimensões espirituais (50% de respostas afirmativas obtidas), seguindo-se a curiosidade em experimentar (42%) e a necessidade de se sentir *high* (31%).

Ocasões do consumo

Quando consideramos as ocasiões de consumo, vemos que, no conjunto, as situações festivas aparecem largamente representadas: festas de passagem de ano (47,2% dos indivíduos), festas públicas (27,1%), festas techno-raves (25.7%) e festas transe (19,4%) (Tabela 7).

As substâncias tendem, no entanto, a ser procurados em função dos efeitos específicos que elas podem procurar. O sombreado da tabela 7 procura desenhar as orientações dominantes desta procura, sendo claro, no entanto, que todas as substâncias intervêm em todas as ocasiões. A cannabis parece adequar-se melhor a celebrações de transições entre dois tempos (serviço militar, despedidas de solteiro(a), final do ano lectivo) ou festas públicas (incluindo as festas escolares). Já quando se trata de festas transe ou tecno/raves, impõem-se o ecstasy o LSD e as anfetaminas (estas, sobretudo, nas tecno/raves), e a cocaína e a heroína no caso particular das festas transe.

Tabela 7 – Inquérito ao Consumo de Substâncias Psicoactivas – CEOS/IDT 2001: Ocasões de Consumo de Substâncias Psicoactivas Ilícitas (respostas múltiplas)

	Canabis	Ecstasy	LSD	Anfetam	Cocaína	Heroína	Total
Entrada para o serviço militar	7,0	3,3	2,5		2,1	5,5	5,7
Festas escolares	22,3	0,8	4,9	13,3	7,4	10,3	17,1
Festas públicas	31,6	8,5	14,4	20,3	19,1	30,6	27,1
Saída do serviço militar	7,2	1,2	2,5		4,0	5,8	5,8
Despedidas de solteiro(a)	20,7	16,1	7,0	3,0	18,7	18,5	18,7
Celebração do final do ano lectivo	16,0	16,9	3,0	1,8	7,2	4,9	13,6
Festas transe	16,8	27,7	28,8	12,6	26,9	23,1	19,4
Festas techno/raves	23,1	42,4	33,5	30,4	27,0	18,1	25,7
Noite da passagem de ano	46,1	47,3	39,9	44,2	58,2	50,9	47,2
Festas familiares	16,3	1,0	9,7	5,4	11,0	22,3	14,0

Locais de consumo

A consideração dos locais de consumo indica que a primeira experiência está ligada, numa proporção significativa de casos, a situações festivas e a espaços públicos.

Uma situação festiva é assinalada por 36% dos indivíduos; 25% consumiu pela primeira vez em casa de um amigo ou mais raramente, na sua própria casa e 18% refere um local ao ar livre.

A substância consumida influenciou a escolha do local do primeiro consumo. Assim, a cannabis, as anfetaminas e sobretudo o ecstasy aparecem mais associados a um local festivo. Pelo contrário, os consumos da cocaína e da heroína foram mais vezes realizados em casa de amigos e, mas menos frequentemente, na casa do próprio.

Tabela 8 – Inquérito ao Consumo de Substâncias Psicoactivas – CEOS/IDT 2001:
Locais de Início de Consumo de Substâncias Psicoactivas Ilícitas

	Cannabis		Ecstasy		Anfetaminas		Cocaína		Heroína		LSD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Em casa	43	3,9	2	1,6	10	14,6	13	9,9	13	12,8	1	2,3	81	5,3
Em casa de um amigo	170	15,8	3	2,6	8	11,7	55	43,6	51	49,1	10	18,6	297	19,4
Numa festa	279	25,8	32	32,0	20	29,4	14	10,7	5	4,5	13	24,9	362	23,6
Numa discoteca	94	8,7	47	47,6	10	14,8	5	3,7	8	7,4	3	5,7	166	10,9
Num festival	14	1,3	1	1,3	2	2,3	1	0,4	3	3,1	2	4,3	23	1,5
Durante uma viagem	14	1,3	3	3,5	1	1,0	2	1,8	2	1,9	7	13,3	30	1,9
Na escola	114	10,5			4	6,5	4	2,9	1	1,2			123	8,0
No local de trabalho	14	1,3					0	0,3	5	4,6			19	1,3
Num local ao ar livre	222	20,5	7	7,3	7	9,7	16	12,5	9	8,8	11	20,5	272	17,7
Outro	65	6,0	3	2,7	1	1,9	4	3,1	1	0,7	2	4,4	76	5,0
NS / NR	51	4,7	1	1,5	6	8,1	14	11,1	6	5,8	3	5,8	81	5,3
Total	1081	100,0	99	100,0	68	100,0	126	100,0	104	100,0	54	100,0	1532	100,0

Após a primeira experiência, os locais de consumo diversificam-se mais no sentido dos espaços habituais de exercício da vida quotidiana. As casas de conhecidos são citadas por 45.6% dos indivíduos. Outros locais significativos são os bares e discotecas (44,1%), espaços públicos ao ar livre (39.4%); a própria casa (31,1%);, escolas (21,2%) e locais de trabalho (11,6%).

Orientações tipológicas das circunstâncias dos consumos

A partir das informações que detalhámos, procedemos a uma análise factorial das correspondências múltiplas que articulámos a uma análise de

classificação⁵. O estudo dos perfis dos indivíduos e a sua agregação em classes ou tipos é feita procurando-se obter a maior homogeneidade possível entre os indivíduos incluídos em cada classe e maximizando, ao mesmo tempo, as distâncias entre as classes.

Para construir as orientações dos posicionamentos que obtivemos, considerámos a informação sobre as ocasiões, os lugares e as motivações dos consumos. Seleccionámos, em seguida, um conjunto de informações sobre as características dos indivíduos: tipologia do consumo, indicadores de dependência, indicadores de estatuto social, género, idade e tipo de urbanização da freguesia de residência. Estas últimas características informam os tipos mas não participam na sua construção. Limitámos a análise ao consumo da cannabis, por que se trata de uma substância que aparece associada a um vasto leque de ocasiões e de motivações de consumo, como tivemos oportunidade de constatar antes.

A melhor partição foi conseguida com cinco classes, sendo que uma delas reúne aproximadamente 5% de indivíduos que não responderam a uma ou outra das perguntas que utilizámos na análise. A tabela 9 apresenta o perfil dos quatro tipos que fornecem informação sobre as questões que nos colocámos.

Um primeiro tipo, que concentra 54% dos indivíduos, agrega situações de **Consumo experimental**. Trata-se de um grupo que se define, essencialmente, pela negativa: nenhuma das ocasiões, lugares ou motivações propostas se adequam ao comportamento dos indivíduos. Esta posição aparece claramente conotada com “consumos experimentais” e com o tipo I – consumos não-recentes – da tipologia dos consumos, o que quer dizer que se trata de consumos que tiveram lugar há um certo tempo, nunca durante o último ano, mas, em média, há muitos mais. Quando procuramos dados sobre o estatuto individual ou social dos indivíduos, apenas colhemos a informação de que o “capital escolar familiar” dos jovens que entram no tipo é inferior. No entanto, esta relação é extremamente ténue (valor teste de 2,90), pelo que seria mais apropriado dizer que este tipo não se encontra ligado, de facto, a nenhuma categoria social em particular.

O segundo tipo que obtemos orienta para um **Consumo recreativo ocasional**, agregando 17% dos indivíduos. Caracteriza-se por concentrar preferencialmente indivíduos que associam os consumos a situações festivas ou de lazer (festas tecno, bares, momentos não ocupados profissionalmente ou com a escolaridade como férias, fins de semana..., procurando aí os efeitos

⁵ Utilizámos o programa SPAD – Système Portable pour l'Analyse des Données.

Tabela 9 – Inquérito ao Consumo de Substâncias Psicoactivas – CEOS/IDT 2001:
Tipologia das circunstâncias dos consumos de cannabis

Características	Tipo 1 (53.8%) Consumo experimental	Tipo 2 (16.8%) Consumo recreativo ocasional	Tipo 3 (15.5%) Consumo continuado compelido	Tipo 4 (9%) Consumo generalizado c/ dependência
Ocasões:	Lazer / festas	8.82 Cons. techno 8.11 Cons. desocupado 5.23 Cons. festas 4.83 NAO cons. Festas familiares 2.74 Cons. fimsem fora	13.13 Cons. fimsem fora 12.54 Cons. festas 12.09 Cons. festas públic. 11.13 Cons. Festas escola 5.26 Cons. Festas familiares 4.42 Cons. desocupado	14.34 Cons. festas familiares 11.87 Cons. festas públic. 10.54 Cons. desocupado 10.24 Cons. fimsem fora 9.42 Cons. férias 7.11 Cons. festas escola 5.78 Cons. techno
	Activ. profis/ escolar	10.19 NAO cons. trabalhar 6.06 NAO cons. trabalho	6.43 NAO cons. trabalhar	18.16 Cons. trabalhar
	actividades pri- vadas	17.44 NAO cons. sozinho 16.98 NAO cons. casa amigos_c	2.53 NAO cons. sozinho	14.23 Cons. sozinho
	Rituais	15.85 NAO cons. desp. Solteir_c 11.00 NAO cons. fim escola_ca 18.52 NAO cons. pass. ano	7.82 Cons. pass. ano 5.84 NAO cons. fim escola_ca	10.49 Cons. desp. solteiro 9.77 Cons. pass. ano 7.25 Cons. fim escola
	Lazer festivos	15.65 NAO cons. bares	11.21 Cons. bares	18.51 Cons. trabalho 6.74 Cons. bares
Lugares	comuns públi- cos	11.73 NAO cons. rua 11.28 NAO cons. escola	4.97 NAO cons. escola 4.71 NAO cons. trabalho	10.68 Cons. rua 6.07 Cons. escola
	comuns priva- dos	15.42 NAO cons. casa	8.23 Cons. casa amigos	11.85 Cons. casa 8.18 Cons. casa amigos
Motiva- ções:	melhorar per- formances	14.62 NAO cons. high 5.44 NAO cons. sociável Consu- mo sociável	9.47 Cons. high 6.03 Cons. transe	6.73 Cons. transe 5.62 Cons. high
	evasão	11.62 NAO cons. relaxar 5.12 NAO cons. esq.probs._ca	6.16 Cons. esq.probs. 5.72 Cons. relaxar	3.67 Cons. relaxar 3.29 Cons. esq.probs
Tipologia de consumo		9.16 Cons. experim. 9.07 Tipo I	7.39 NAO experim. 5.19 Tipo IV 2.94 Tipo III	7.35 Tipo IV 6.01 NAO experim.
	Indicadores de dependên- cia	5.95 Efeito era menor: Não 5.81 Desejo sem conseguir resis- tir:Não 4.11 Problemas de conduta:Não 4.08 Deixou de realizar activi- des:Não 3.92 Problemas de rendimento esco- lar:Não 3.44 Problemas de rendimento no trabalho: Não 2.43 Problemas de saúde:Não	3.37 Efeito era menor:Sim 3.30 Desejo sem conseguir resistir: Sim 3.11 Problemas de rendimento escolar:Sim	7.35 Efeito era menor:Sim 6.09 Desejo sem conseguir resistir: Sim 5.82 Problemas de conduta: Sim 5.25 Deixou de realizar actividades:Sim 4.68 Problemas de rendimento no trabalho: Sim 3.85 Problemas de saúde: Sim 3.72 Problemas de rendimento escolar: Sim
Indicadores de estatuto social		2.90 CAPITAL ESCOLAR FAMILIAR: Inferior	4.55 CAP.ESC.FAM:Superior 3.83 CLAS.SOC.ORIGEM: Prof. Técnicos e de E Executant 2.39 CAPITAL ESCOLAR FAMILIAR:Medio	3.40 CAPITAL ESCOLAR FAMILIAR: Não resposta 2.92 LUGAR DE CLASSE:: Operários
	Gênero		3.20 Feminino	3.83 Masculino
Idade			3.07 25-29	2.34 30-34
	Tipo de urbanização fre- guesia res.		2.72 Area Mediamente urbanizada	

* Os valores apresentados antes do indicador da orientação do consumo, indicam uma medida estatística designada como valor teste.
Quanto maior é o valor teste, mais significativo é o peso da respectiva característica no tipo.
Um valor teste acima de 2.0 é considerado significativo.

julgados adequados ou necessários para as circunstâncias (se sentir high, em transe, para esquecer problemas ou para relaxar...). Neste grupo os indivíduos tendem a não consumir sozinhos, nem em situações ligadas com o trabalho ou com a escola nem em situações familiares (festas...). A frequência dos consumos faz com que não se trate mais de um consumo experimental. Este perfil encontra-se em conjunção com indivíduos do sexo feminino, que têm entre 25 e 29 anos e com um estatuto social médio (empregados executantes e capital escolar familiar médio).

Designámos o terceiro tipo como caracterizando um **Consumo continuado compelido** (16% dos indivíduos). Neste perfil os consumos não se limitam, como era o caso do anterior, a situações recreativas ou de lazer. Aqui o consumo alarga-se aos espaços mais diversificados e inclusivamente, os indivíduos podem consumir sozinhos. No entanto, são notoriamente evitados os consumos em situação ou no local de trabalho. Mais do que servir para “esquecer problemas”, os consumos visam melhorar as performances individuais adequadas aos fins desejados. Não se tratando, claramente, de um consumo experimental, os indivíduos que partilham este perfil encontram-se mais vezes no tipo III e IV da tipologia dos consumos, quer dizer que consumiram no decorrer do último ano, sem que fosse a primeira vez e, os que se associam ao tipo IV, consumiram no último mês. Embora a relação seja fraca, constatamos que alguns destes consumos aparecem associados a alguns dos indicadores de dependência: aumentar o consumo porque o produto deixa de ter o efeito desejado, a incapacidade de resistir ao apelo do consumo ou, mesmo, problemas de rendimento escolar, no caso dos mais jovens. Esta orientação levou-nos a caracterizar estes consumos como sendo “compelidos”, para significar esta dependência – sem dúvida limite – deste perfil. Quando observamos as características sociais e individuais deste tipo, vemos que se trata de indivíduos bem representados na classe etária dos 15-19 anos e nos estratos médio ou elevados e, quando se trata de jovens, com pais que têm níveis de escolaridade superior.

Finalmente, um último tipo, em conjunção com o qual se encontram 9% dos consumidores, designa, claramente, um perfil de **Consumo generalizado com dependência**. Este tipo caracteriza-se, essencialmente, por reunir indivíduos que são consumidores correntes e que não recusam qualquer tipo de ocasião, de lugar ou de motivação para consumir, incluindo o contexto profissional. Outra característica importante é a experiência que estes indivíduos podem ter com situações de dependência. Quanto às características sociais e individuais, elas não aparecem de forma muito marcada. Podemos no entanto notar a tendência para que se encontrem neste perfil indivíduos do sexo

masculino, operários, e num escalão etário elevado para a idade média na qual os consumos costumam realizar-se – 30-34 anos.

Estes resultados mostram-nos, assim, que os consumos que ultrapassaram o fase da experiência, podem associar aos consumos recreativos e ligados a situação de lazer, outras motivações de consumo, de acordo com modulações onde intervêm a frequência e, provavelmente, a intensidade do consumo e a extensão dos espaços onde se consome. Estas modulações estabelecem o estatuto do consumo e igualmente a suas consequências.

Bibliografia

- Casimiro Balsa, Tiago Farinha, Cláudia Urbano e André Francisco, 2003, *Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Portuguesa – 2001*, Col. Estudos-Universidades, IDT, 2003, Lisboa, 360 páginas
- Stéphane Hampartzoumian, 2004, *Effervescence techno ou la communauté trans(e)cendantale*. Paris, Ed. L'Harmattan, 2004
- Sophie Le Garrec, 2002, *Ces Ados qui “en prennent” – Sociologie des consommations toxiques adolescentes*, Presse Universitaires du Mirail, 2002
- Michel Maffesoli, 1982, *L'ombre de Dionysos, Contribution à une sociologie de l'Orgie*, Paris
- Michel Maffesoli, (1988), 1998, *O Tempo das Tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*, ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro,
- Béatrice Mabilon-Bonfils, 2004, *La Fête Techno – Tout seul e tous ensemble*, Migrations, ed. Autrement, Paris, 2004